

Uma aventura nos Andes peruanos

Categories : [Reportagens](#)

O rádio da *van* é generoso: despeja uma seqüência de sucessos norte-americanos dos anos 1980. Tudo dublado em espanhol. Pela janela, o panorama semi-árido vai dando espaço a cumes cada vez mais elevados. Estamos no Peru, na estrada que liga a capital Cuzco a uma sonhada região dos Andes.

O Peru é pouco maior que o estado brasileiro do Pará, mas esbanja atrativos naturais e culturais. Nosso vizinho sul-americano não guarda apenas os tradicionais sítios de Machu Picchu, linhas de Nazca, o Lago Titicaca ou Cuzco, antiga capital do Império Inca. Encravada no Departamento de Ancash, a [Cordilheira Huayhuash](#) é uma jóia andina, cravejada de montanhas, vales e lagos majestosos. A reportagem de **O Eco** acompanhou um grupo de moradores de Brasília (DF) durante dez dias a pé e quase duas centenas de quilômetros pela região, em um dos mais duros e belos circuitos de montanhismo do globo.

Depois de vencer os 400 quilômetros entre a capital peruana de Lima e Huaraz (mapa abaixo), onde vivem cerca de 60 mil pessoas, colocamos a sola da bota nos Andes, que cortam o continente de Sul a Norte. Antes de partir para a grande jornada, foi necessário adaptar o corpo ao ar rarefeito das montanhas. Além de alguns dias na barulhenta cidade, a três mil metros de altitude, visitamos a esverdeada Laguna Churup (4.450 m), dentro do Parque Nacional Huascarán. O ingresso custou 5 Nuevos Soles (moeda peruana), menos de R\$ 3,00.

A aclimação pode ser rápida e fácil para alguns ou lenta e dolorosa, ou até impossível, para outros. A má adaptação traz sintomas como dor de cabeça, tontura, enjôo e vômito. O problema é tão comum que as farmácias regionais vendem suspeitos comprimidos contra o mal de altitude (*soroche*) e até pequenos cilindros com oxigênio. A receita tradicional inclui boa alimentação, muita água e chá de folhas de coca. Se nada disso surtir efeito, desça!

Tarefa cumprida, entramos na apertada van que nos levou até LLamac. O pequenino povoado é alcançado após cinco horas de asfalto e estradas de terra perigosas e poeirentas, cruzando uma região semi-árida. Lá aconteceu o primeiro e estranho acampamento – no campo de futebol local. Estrangeiros de roupas coloridas atraem a criançada, em todo o caminho, sempre em busca de “caramelos” (doces). Preocupados com seus dentes, compramos caixas de lápis coloridos como presente.

O dia seguinte revelou a rotina da expedição: acordar bem cedo, com frio e, não raro, com

barracas congeladas, tomar café, levantar acampamento e pé na estrada. O peso maior seguiu no lombo de velozes mulas guiadas por *arrieros*, restando menos de dez quilos para nossas costas. As caminhadas diárias se estenderam por 15 quilômetros e sete horas, em média. O roteiro vai de um vale a outro, cruzando *pasos* (ponto mais baixo entre montanhas) na sua maioria com mais de 4,7 mil metros de altitude. O [Pico da Neblina](#), topo do Brasil, tem 2.994 metros.

Este gráfico mostra as altitudes percorridas na expedição, com exceção da escalada do Diablo Mudo (box abaixo).

Nas trilhas das montanhas

Batatas e pedras

O Peru tem cerca de 350 tipos de papas (batatas; a "inglesa" também é deles), variando em tamanho, cor, sabor e altitude de plantio, além de usar vários outros cereais, como milho, trigo e quínuia. A escassez andina de terras planas leva os cultivos para as bordas montanhosas. Os vales, menos abrigados da neve e das geadas, são reservados aos rebanhos. O modelo de produção interiorano é quase sempre comunitário, onde a população decide pelas quantidades e locais das culturas.

Com raros bosques de quenuales (árvore de casca alaranjada), as matérias-primas básicas para as construções locais são pedras, totora (junco) e outros vegetais. Casas e cercados para rebanhos são erguidos dessa maneira, bem como os canais que conduzem água por toda a região. Exatamente como faziam os Incas e outros povos

que lá viveram. Infelizmente, ruínas ou fazendas abandonadas e próximas às trilhas turísticas vêm se tornando banheiros ou depósitos de lixo.

A trilha de Llamac a Cuartelwain acompanha trechos de estradas abertas há anos por mineradoras estrangeiras de ouro, prata e outros minerais. No povoado de Pocpa, um dos primeiros “postos de pedágio” do circuito. As taxas cobradas nos vilarejos, dependendo do trajeto, podem somar até 150 Nuevos Soles, quase R\$ 85,00. A ascensão foi leve, ajudando no restante da aclimatação. Antes do fim da tarde, chuva e neve atingiram o acampamento, já a 4.150 m. Hora de escapulir para a barraca. Em Huayhuash, quem manda é a natureza.

O desafio seguinte foi penoso: ultrapassar dois *pasos* no mesmo dia, Cacanpunta e Carhuac. Ambos têm mais de 4.600 m. Chegar a essa área de Huayhuash traz a forte sensação de se ter ultrapassado uma barreira, rumo ao coração da cordilheira. Dali em diante, não há traço de qualquer estrada ou urbanismo. A dança de luzes e sombras nas encostas e vales é hipnótica. A caminhada severa foi recompensada pela beleza das águas gélidas e cristalinas da Laguna Carhuacocha. Bem à frente do acampamento, gigantes nevados como o Yerupajá (6.617 m), Jirishanca (6.094 m) e Siulá Grande (6.344 m).

A partir daquele ponto, a rota segue pelo vale, se aproxima da esquisita Laguna Gangrajanca até topar com o *paso* Siulá, a exaustivos 4.850 m. Durante a subida íngreme e lenta, não esqueça de uma olhadela para trás. O panorama é dos mais estonteantes da travessia, com azuladas lagunas escoltadas por imponentes montanhas. Pouco depois de encontrar o acampamento Huayhuash, uma forte nevasca cobriu tudo de branco. Inclusive os ponchos dos vigias armados.

O local é próximo a uma região de plantios de coca e de tráfico de cocaína. Antes dos seguranças e suas espingardas, havia roubos e assaltos a turistas. Esse e outros poucos *campings* têm banheiros rústicos - um buraco no chão coberto por uma casinha de madeira ou lona. Caso contrário, siga para trás da próxima moita ou pedra com sua pazinha. E de preferência, bem longe da água.

Rumo ao *paso* Portachuelo (4.785 m), o clima ficou novamente de mau humor e despejou neve e muito frio. Nesses casos, a dica é sempre manter a calma e administrar a energia para chegar bem à próxima parada, o acampamento Cuyoc. A trilha margeia a Laguna Viconga pela direita, onde há uma pequena hidrelétrica. Na área se avistam rebanhos de lhamas e alpacas, animais nativos cada vez mais substituídos por ovelhas e bois.

Apesar do cansaço acumulado, o dia foi especialmente agradável. Afinal, não é sempre que se

pode mergulhar em uma aconchegante piscina de água quente, bem no meio dos Andes. Um banho de verdade já era mais do que necessário, e as termas de Atuscancha (4.365 m) foram perfeitas.

Com cheiro renovado, sem espantar ninguém, o guia nos conduziu em direção ao passo mais alto do roteiro: a Punta Cuyoc e seus 5 mil metros de altitude. Vencido o árduo desafio, seguimos pelo vale até o acampamento de Huanacpatay, rico em nascentes e cortado por pequenos rios. Em vários pontos do circuito há lixo. Lá não foi diferente, apenas em maior quantidade. As comunidades cobram “taxas turísticas” com a desculpa de recolher resíduos e organizar banheiros. Coisa rara.

“Além disso, vários produtores estão deixando de cultivar a terra ou de criar animais pelo dinheiro das taxas de visitaço”, revelou Victoriano Bacilio Huaranga, vice-presidente da Casa de Guias de Huaraz. A entidade é ligada à [Federação Internacional de Associações de Guias de Montanha](#) e promove cursos anuais de formação e de atualização, de línguas e viagens nacionais e internacionais.

Do outro lado da cordilheira

Depois de cruzar a Punta Cuyoc, partimos para o segundo grande trecho da travessia, de volta à seção oeste da cordilheira. Nossas pernas exaustas nos carregam até o povoado de Huayllapa, onde há o único telefone para contato com o mundo exterior. Alô Brasil! Os habitantes de lá têm o estranho hábito de presentear as margens do Rio Huaylloma com todo o lixo que encontram.